



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS SOBRE A PESQUISA “AS MANIFESTAÇÕES DE
JUNHO DE 2013, NO BRASIL: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO, ANÁLISE DO DISCURSO E AS
CONDIÇÕES PARA UMA RESISTÊNCIA”

Michel Renan Rodrigues de Andrade

Universidade de Fortaleza

michel_renan84@hotmail.com

Brasil

Dímitre Sampaio Moita

Universidade Federal do Ceará

dimitremoita@gmail.com

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa que originou o trabalho de dissertação do curso de mestrado em psicologia de Andrade (2016), realizado entre os anos de 2014 e 2016. Em junho de 2013, no Brasil, se viu um acontecimento que se tornou um marco na recente história política da nova república do país. Uma multidão tomou conta das ruas das principais cidades do país reivindicando, em princípio, a revogação dos aumentos das passagens do transporte público, principalmente em São Paulo. Em seguida, as reivindicações passaram a ser sobre variados temas. Com os diversos jornais e partidos políticos tentando apropriar significados e identidades às manifestações e aos manifestantes, produziu-se a motivação para este trabalho. Esta pesquisa teve por objetivo fazer um mergulho nos discursos produzidos pelos manifestantes para buscar nas suas formações e nos seus enunciados os meandros que possibilitam marcar esse acontecimento como algo incapaz de ser unido sobre uma identidade única, mas sim como a produção de condições de possibilidades para a constituição de uma outra relação de poder a partir do surgimento de novos modos de subjetivação. Assim, procuramos fazer um apanhado das pesquisas e textos ensaios sobre as manifestações, elencar e cruzar dados, debater os conceitos possíveis que pudessem envolver e sustentar nossa pesquisa – chegando ao conceito de multidão -, destrinchar a ordem das formas de subjetivação contemporânea para, assim, termos uma base, aquilo que chamamos de solo concretizado a ser analisado. Pois é sob este solo que buscamos investigar as produções dos discursos e se o seu produto é uma formação da ordem das subjetividades e das condições dos substratos desse solo, ou se há um produto germinando, uma nova forma de subjetivação capaz de estabelecer uma resistência às forças que operam nas relações de poder. Assim, nos utilizamos do método da análise de discurso nos apropriando do método arqueogenealógico foucaultiano, mas adaptando para uma análise de um acontecimento em vez de uma análise histórica. Concluímos que as manifestações de junho de 2013, no Brasil, devem ser observadas como um acontecimento de ruptura na nossa recém história, mas não estando completamente livre das investidas do poder. Ela surge como uma forma de resistência, mas aos poucos o poder vai envolvendo-a e contendo seus avanços, fazendo com que a sua produção seja subjugada. Porém, de fato, as manifestações de junho de 2013 estabelecem condições para a produção de resistências capazes de reformular as relações de poder e produtoras de novos modos de subjetivação.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The present article aims to present the results of the research that originated the work of dissertation of the master 's degree in psychology of Andrade (2016), carried out between 2014 and 2016. In June 2013, in Brazil, we saw an event that has become a landmark in the recent political history of the new republic of the country. A crowd occupies the streets of major cities in the country claiming in principle the repeal of increases in public transport tickets, especially in São Paulo. Then the claims have to be on varied topics. With media and political parties trying to appropriate meanings and identities of the protest and the protesters, there has been the first motivation for this work. This study aimed to make a dip in the discourses made by protesters to seek in their backgrounds and in their enunciation the intricacies that make it possible to mark this event as something unable to be united on a unique identity, but as the production possibilities of conditions for the creation of another power relationship from the new modes of subjectivation emergence. So we try to make an overview of research and testing on the protests, listing and cross data, discuss possible concepts that could involve and sustain our research - getting to the concept of multitude - tease out the order forms of contemporary subjectivity to, well, We have a base, what we call realized soil to be analyzed. It is on this soil that we seek to investigate the production of discourses and if your product is a formation of the order of subjectivities and the conditions of the substrates that soil, or if there is a product germinating, a new form of subjectivization able to establish a resistance to forces operating in power relationship. Thus, we used the analysis of discourses method in appropriating Foucault arqueogenealogical method, but adapting to an analysis of an event rather than a historical analysis. We conclude that the events of June 2013, in Brazil, should be regarded as a breaking event in our recent history, but it is not completely free of the investitures of power. It comes as a form of resistance, but gradually the power goes involving it and containing his advances, causing its output to be subjugated. But in fact, the protests of June 2013 establishing conditions for the production of resistance able to reshape the power relationship and producing new modes of subjectivity.

Palabras clave

manifestações de junho de 2013; modos de subjetivação; discurso

Keywords

Brazilian protests in june 2013; modes of subjectivation; discourse



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Em junho de 2013, o Brasil conviveu com diversos protestos que marcaram sua história recente. Eram manifestações políticas que tiraram do eixo muitos observadores da sociedade brasileira. Protestos, insurreições e manifestações sempre existiram na história do país. Porém, neste caso, as ruas das principais cidades do país foram preenchidas por diversas vozes que pediam em múltiplos sons mudanças na política e nas instituições. A fagulha desses movimentos de manifestações políticas foi o protesto contra o aumento da passagem de ônibus, organizada pelo Movimento Passe Livre (MPL). Foi essa fagulha que trouxe ao centro dos debates políticos o problema da criticada rede de transportes públicos das cidades brasileiras, o que prejudica as premissas da democracia (MPL, 2013). A questão urbana se tornou um debate primordial nas políticas do país e estimulou entre os indivíduos a criação e a produção de discussões sobre as estruturas das cidades e a ação do próprio ser humano no meio urbano, o que foi importante para produzir um reposicionamento político dos sujeitos nas estruturas que constituem os laços sociais, se utilizando das novas tecnologias vigentes, como as plataformas das redes sociais *online*.

Segundo apontam Castells (2013) e Ricci e Arley (2014), as redes sociais *online* foram as plataformas de comunicação principais utilizadas pelos manifestantes, onde estabeleciam debates e organizavam as agendas das diversas manifestações nas cidades pelo país. Foram essas redes sociais as plataformas que possibilitaram uma resistência a força da grande mídia, como aponta Lima (2013), uma vez que esses indivíduos não se viam representados pelas narrativas estabelecidas pelos interlocutores da grande mídia tradicional (revistas, jornais de TV, jornais impressos e rádios). Tanto as novas formas de comunicação e relações sociais como a desconfiança contra as instituições públicas e privadas (RICCI & ARLEY, 2014) foram fatores relevantes para os acontecimentos de junho de 2013. Judensnaider, Lima, Pomar e Ortellado (2013) afirmam que esses dois fatores foram importantes para formar “um conjunto de condições subjetivas para junho de 2013” (p. 15).

Por isso, este artigo vai explorar esses conjuntos de condições subjetivas a partir dos resultados da dissertação de uma pesquisa realizada durante o curso de mestrado em psicologia, na Universidade de Fortaleza, realizado no período de 2014 a 2016 e que resultou no título: As



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

manifestações de junho de 2013, no Brasil: modos de subjetivação e as condições para uma resistência a partir da análise dos discursos. Esta pesquisa tinha como objetivo refletir, sob as análises dos discursos – sendo mais específico, dos enunciados -, se, durante as manifestações de junho de 2013, emergiu uma condição para se produzir e estabelecer uma forma de resistência às estratégias do poder, que se apresenta nas investidas da imprensa e no discurso retórico de alguns partidos políticos.

O método usado foi constituído a partir do pensamento de Foucault (2008a e 2011) e do método de análise do discurso de Gregolin (2007). Como estratégia metodológica, a pesquisa foi desenvolvida em três momentos: o primeiro consiste em um levantamento que identifica características, princípios e fundamentos observados nas manifestações por pesquisadores que a observaram; em seguida, os dados gerados foram cruzados, para que pudesse constituir as características a serem analisadas nos discursos dos próprios manifestantes; por último, a partir da análise dos discursos dos manifestantes observadas em 3 filmes documentários¹ sobre as manifestações, buscou-se fazer uma análise dos discursos, com foco nas relações entre as formas enunciativas e as categorias observadas.

Na ocasião, temos por objetivo descrever como chegamos ao resultado dessa pesquisa a partir da trajetória percorrida. Dessa forma, mostraremos os dados que serviram de base para o ponto de partida, as discussões teóricas que resultaram nas categorias e os resultados a que chegaram as análises dos discursos dos manifestantes.

¹ Com Violência, 2013; Junho – o mês que abalou o Brasil, 2014; e Baixa Resolução e Alta Fidelidade, 2013.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

Muitos observadores e pesquisadores se debruçaram em analisar o que estava acontecendo no Brasil em junho de 2013. Desde 2010, protestos eclodiram em certos países do mundo, principalmente devido aos efeitos da crise financeira de 2008 e a crises políticas como foi o caso do Egito e da Turquia. Porém, cada país teve sua especificidade, apesar das semelhantes características (CASTELLS, 2013). No Brasil, dois aspectos importantes especificam as manifestações ocorridas em junho de 2013: primeiro, um reposicionamento político, no qual o exercício de cidadania assumindo um papel ativo a respeito das decisões, leis, serviços e prioridades reestruturou as formas de organização das vozes que buscaram manifestar-se e ocupar espaços na vida em sociedade; um segundo aspecto diz respeito a forma das relações de comunicação, atravessadas pelas novas tecnologias de comunicação como as redes sociais *online*, onde os manifestantes convocavam manifestações, debatiam e informavam em tempo real o que estava acontecendo.

Esses aspectos nos levaram a encontrar as características gerais das manifestações, segundo Ricci e Arley (2014), Castells (2013), Vainer (2013), Secco (2013), Braga (2013), Solto Maior (2013) e Lima (2013): organização em rede, seguindo a lógica das redes sociais *online*; necessidade de confrontar a ordem sócio-política dominante e o próprio sistema que opera e constitui a cidade a partir das necessidades do capitalismo; a lógica do enxame, juntando o maior número possível de pessoas nas ruas; a negação a qualquer liderança; a carnavalização dos protestos políticos sob uma explosão de significados; a mistura de classes sociais; a violência como elemento constitutivo, tanto no quesito de repressão policial, quanto nas ações diretas e pontuais das táticas de *Black Blocs*; e a obsessão pelo desenvolvimento de um tipo de autonomia e constituição de uma organização horizontalizada e pouco hierarquizada, (RICCI & ARLEY, 2014).

Dito isso, perguntamos: como devemos compreender o fenômeno das manifestações de junho de 2013? Entendemos que há um espanto e uma busca por explicações que dê segurança sobre o que aconteceu no Brasil. Castells (2013) e Ricci e Arley (2014), apontam que junho de 2013 é mais uma extensão do que vem acontecendo no mundo. Um florescer de sementes plantadas desde os protestos de Seattle, em 1999. Percebemos que há uma concordância entre diversos analistas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sobre as características das manifestações de junho de 2013, que apontam diferenças fundamentais quanto as características de outras formas de manifestações políticas mais clássicas.

Em princípio, partimos da discussão histórica sobre os modos de protestos com as análises feitas por Arendt (1971) sobre as revoluções francesa e americana, as diferenciando no sentido ético. Para ela, a verdadeira revolução é a americana, uma vez que os estadunidenses tinham uma ideia de construir uma outra forma de fazer política, de organizar socialmente e politicamente a sua sociedade, longe das amarras da coroa britânica. Segundo ela, só se pode falar em revolução quando a “característica de novidade está presente e quando a novidade se liga à ideia de liberdade” (p. 33), não podendo estar ligada as ressignificações simbólicas apropriadas, como fizeram os franceses, o que culminou em uma tragédia. A experiência francesa surge disposta ao objetivo da experiência da liberdade, porém, há uma mudança nos rumos da própria revolução. Quando ela surge, a experiência de liberdade está atrelada com uma questão política, de formar um novo modo de organização social que busque as experiências de liberdade, mas esta perde espaço para o que ela chama de questão social. A organização política perde espaço para a supressão da miséria pelo atendimento às necessidades do corpo. Não se preocuparam em constituir linhas de subjetivação para a produção de uma nova forma de subjetivação (Foucault, 2013), mas sim, de estabelecer um regime autoritário e violento quanto aos outros organismos sociais que compunham a sociedade revolucionária francesa.

Ao contrário, os estadunidenses estabeleceram uma experiência de liberdade. O problema não era social, mas político, ou seja, a forma de governar, o modo de se fazer uma democracia e constituir uma república, onde a grande maioria pudesse participar. Por isso, tanto Arendt (1971) quanto Foucault (2014) entendem que a Revolução Americana obteve mais sucesso do que a francesa. Desse modo, eles estabelecem uma crítica ao uso da violência como elemento fundamental das revoltas provocadas por aqueles que se diziam revolucionários, já em suas épocas – anos 1960-1970.

Nos anos 1990, iniciam-se encontros de movimentos sociais e coletivos de lutas progressistas para debater outras formas de protestos. Com o fim da guerra fria e da URSS e com o apogeu estadunidense, ativistas e movimentos sociais se viram na necessidade de repensar suas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

formas de luta para transformar as políticas contemporâneas. Entende-se que a violência deveria ser retratada de uma forma simbólica, expondo forças autoritárias do estado, posicionando-os como servidores de uma elite. Assim, emergiram os atos em Seattle, 1999. No encontro da Organização Mundial do Comércio, vários movimentos sociais e coletivos se uniram para protestar contra a globalização e contra as estruturas do sistema capitalista neoliberal que comandavam governos do mundo. Esses atos foram violentamente reprimidos pela polícia, o que se transformou em um sucesso segundo as estratégias dos manifestantes. Após esses atos, em 2001, os manifestantes organizaram em Porto Alegre, no Brasil, o primeiro Fórum Social Mundial, tendo sua principal reunião em 2005, com a presença de 155 mil representantes de 135 países. Nesse momento, foi elaborado um manifesto com 12 propostas para mudança global das estruturas econômicas, jurídicas e democráticas. Hardt e Negri (2014) descrevem seu conceito de multidão a partir das análises desse manifesto e das ações diretas dos movimentos sociais e partidos políticos pós Fórum Social Mundial.

Da massa à multidão: razão neoliberal e resistência

A pesquisa de Hardt e Negri (2014) sobre essas transformações emerge a partir da genealogia dos movimentos sociais. Buscamos, então explorar uma outra linha de força ativa e influente. Em uma perspectiva mais conceitual, ousamos fazer um debate sobre o conceito de massa, visto em Freud (1921/2011), e o conceito de multidão, seguindo as características dos dados que colhemos. Na ocasião, observamos que as formações dos laços que compactam as massas, segundo Freud (1921/2011), não são mais suficientemente complexas para a explicação total das formações dos laços sociais contemporâneos, que, na ocasião, não refletem um fundamento importante que sustenta a ideia da massa: a identificação com o pai na figura do líder e o esgotamento do Eu perante o coletivo. Ao contrário, a multidão preza pelas singularidades e independência da identificação com líderes. O Eu, na multidão, não se esgota, mas está em constante produção de si. Há uma nova constituição de uma organização coletiva que não dispersa o Eu, mas o transforma de acordo com o *ethos* do devir historicamente constituído.

Hardt e Negri (2014) entendem que não há como negar as forças que produziram a realidade contemporânea, principalmente a neoliberal. Isso é visível na economia global, que se



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

torna um dos centros produtores dos modos de subjetivação. Há uma constante produção biopolítica, ou seja, “a produção da própria vida social, na qual a economia, o político e o cultural cada vez mais se sobrepõem e se complementam um ao outro” (HARDT & NEGRI, 2001, p. 13). Eles buscam, nas palavras de Foucault, a compreensão sobre as relações de poder atuais e os processos de constituição dos acontecimentos. Dessa forma, eles chegam a um ponto polêmico em seu pensamento. Ao contrário de Foucault, Hardt e Negri (2001; 2014) compreendem que os povos resistentes podem, através da produção biopolítica, produzir um novo *ethos* de resistência. Como a biopolítica é uma tecnologia do poder, um instrumento da governamentalidade e está intrinsecamente ligado à razão de governo (Foucault, 2008b), não seria possível à resistência excluí-la de seus *ethos*, mas será necessário transformar essa razão de governo, assim como esta transformou as razões de estado ligadas ao poder disciplinar dos séculos XVIII e XIX. Dessa forma, a ideia de biopolítica como uma tecnologia de governo da vida e forma de produzir estilos e estéticas de vida com mais liberdade e mais autonomia dos indivíduos além das molduras neoliberais (Dardot & Laval, 2016), se forma como um importante atravessamento para o entendimento da multidão. O desafio da multidão é o desafio da democracia (Hardt & Negri, 2014).

Feito esse debate, concluímos que os dados expõem uma tendência ao conceito de multidão. E assim passamos a entender e a tratar as manifestações como multidão, assim como fez Birman (2014). Isso não significa que o conceito de massa estaria ultrapassado, mas que para esta análise, o conceito de multidão permitiria uma maior exposição do objeto, uma abertura conceitual. Posto isso, uma vez que notamos que com o conceito de multidão advém uma ideia de que há uma mudança importante nas estruturas dos laços sociais contemporâneos, buscamos então compreender como se dão os modos de subjetivação e que dados poderíamos colher a partir dessas análises. Por isso perguntamos se, realmente, se tratavam de novas formas de subjetivação que acompanhamos nas manifestações, se corresponde a uma estrutura histórica que modela biopoliticamente a forma de perceber, agir, formar laços sociais e organizar-se socialmente. Por isso, a discussão passou pela observação das relações entre os processos de singularização e de individuação (Guatarri & Rolnick, 2013).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tomamos o pensamento de Guatarri e Rolnick (2013) por entenderem que são os processos de singularização micropolíticas as forças capazes de subverter as produções de subjetividade capitalísticas intrinsecamente ligadas a moldar os processos de individuação. Dessa forma, o processo de singularização é capaz de libertar o indivíduo das formas de individuação codificada do próprio sistema capitalista e assim constituir uma outra forma de subjetivação.

A individuação, no caso, é entendida como um conjunto de níveis que pretendem cotejar diversos processos de integração e normalização, muito próximo dos objetivos da biopolítica. A singularização vem como uma força libertadora. Ela se faz “emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies” (Guatarri & Rolnick, 2013, p. 43), existindo como um processo paralelo, mas análogo ao processo de individuação. Nesta relação, o processo de singularização é a força capaz de transformar a forma da individuação e, assim, constituir uma forma diferente de subjetivação, o que, conseqüentemente, construiriam laços sociais diferentes, formas de percepção diferentes às orientadas pelo sistema capitalístico e formas de experiências singulares. Com isso, entendemos que deveríamos verificar como se dariam essas relações e, empiricamente, observar como se fazem as linhas de forças dos modos de subjetivação dos manifestantes através de seus discursos, uma vez que é através deles que Foucault (2011) acredita ser capaz de estudarmos os rastros que produzem os regimes de verdades e os rituais que intensificam as experiências dos modos de subjetivação.

Posto isso, buscamos compreender as linhas de forças que fazem a nossa contemporaneidade neoliberal, que, desde 1999 e no clímax emergido desde 2011 vem tomando conta dos principais centros capitalistas do mundo e, em 2013, teve o Brasil como novo espaço de protesto. Assim, exploramos os estudos da nova razão neoliberal defendida por Dardot e Laval (2016), matriz biopolítica que orquestrou hegemonicamente as políticas econômicas das formas de governo no mundo.

Isso nos deu dimensão para averiguarmos as categorias a serem analisadas. Por isso, chamamos de solo da ordem, em analogia ao terreno a ser estudado: é o terreno da ordem neoliberal, de sua racionalidade, sua governamentalidade e como a biopolítica agiu para normalizar um padrão de vida existente e que é questionada por indivíduos que se dizem resistentes. Dardot e Laval (2016)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

apresentam, através do trabalho de Foucault (2008b), a ideia de que a educação foi uma linha de força essencial para o nascimento da biopolítica². Com as crises econômicas e políticas do século XX, com a emergência de políticas identificadas com ideologias de esquerda, os liberais produzem uma outra plataforma que reforma as estruturas éticas do liberalismo, no intuito de salvá-lo. E no concílio Walter Lippmann formulam as bases do neoliberalismo, mantendo a razão de governo liberal com um estado preocupado em manter seus limites de governo, reduzindo sua força em apenas manter a infraestrutura capaz de fazer a biopolítica funcionar. Mas dessa vez, além da educação, uma outra linha de força ganha um *status* de autoridade do discurso: a imprensa. Ela é uma força que, aliada ao saber, investe na sociedade ao articular o saber científico com as práticas dos indivíduos em seu dia-a-dia.

Era necessário que o indivíduo, para ser pleno, produtivo, capaz de crescer e se desenvolver por si só, cuidasse de si mesmo. Sua saúde era importante para que ele não tivesse limites e funcionasse como um homem-máquina, mas que fosse além. Por isso, cunham a ideia de ultrassubjetividade, ou seja, um modo de subjetivação que fosse capaz de convencer o indivíduo de que ele sempre pode ir além de suas próprias dificuldades. Uma analogia feita pelos pesquisadores é a do atleta, e que por isso as estruturas de comunicação e publicidade produziam neles personagens e símbolos de superação, um ideal de cuidado de si, um espírito de lutador e estrategista que consegue atingir seus objetivos, vencendo todos os riscos, encarando a vida como um empreendimento, um jogo arriscado onde o indivíduo está só e precisa se formar como um sujeito que está sempre em perigo.

Como se pode ver, é um processo de individualização total do sujeito. Isso provocou um grande distúrbio na lógica da solidariedade e coletividade. Estado mínimo, menos impostos, maior aposta na individuação, na personalidade, na racionalidade do cálculo econômico, na educação financeira para que o indivíduo, desde cedo, se constituísse como um sujeito econômico uma vez que tanto os estudos quanto a saúde eram privatizados. A imprensa e a publicidade entravam como um lugar de formação de narrativas e símbolos capazes de orquestrar, inspirar, incentivar os sujeitos

² Assim como as políticas de saúde, a moralidade burguesa e cristã e as estruturas hierárquicas, essenciais para a constituição de uma racionalidade liberal capaz de normalizar uma sociedade, estabelecendo uma ética e um *ethos* capaz de criar um padrão a ser seguido



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a buscarem sua própria narrativa dentro desse sistema. Essa forma de constituir o sujeito da razão neoliberal acaba por se tornar um objeto dos dispositivos de desempenho/gozo. “Ir além”, “ser mais”, “fazer o impossível” se tornam jargões do sujeito empreendedor que obrigam o indivíduo a sempre gerenciar a si mesmo, inovar-se, transformar-se. Esse “além de si mesmo” é a ordem da forma de ultrassubjetivação, um modo de produzir percepções, práticas e identificações de si mesmo, e, também, uma forma de controlar as redes de relações sociais, através da proteção e regras da justiça.

Com essa pesquisa, pudemos designar o substrato do nosso solo, uma vez que, apesar das forças que relatamos, entendemos como Foucault (2013): sempre que há poder, há resistência. Então buscamos as ditas linhas de força resistentes ao poder e averiguamos o quanto elas se fazem como resistência e o quanto elas se estruturam como novas linhas do próprio poder. Por isso, constituímos nossas categorias de análise de acordo com as características que identificamos e alguns dos principais temas/alvos dos protestos. São eles: a imprensa, a violência, o esgotamento das práticas políticas institucionais e os laços sociais. Em paralelo, identificamos onde o comum entra nessas manifestações coletivas. Por isso, fizemos uma análise dos discursos dos próprios manifestantes durante os atos. Para tal, buscamos em filmes produzidos nas manifestações os discursos dos próprios manifestantes, no momento exato dos protestos e não um relato pós-manifestação, uma vez que estes comprometem a leitura dos protestos.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Para chegarmos aos dados, fizemos uma análise dos discursos disponíveis em dois filmes documentários e um vídeo reportagem. Usamos esse material audiovisual como forma de ter acesso ao que se dizia nas manifestações, colher as formações discursivas e analisar as formas enunciativas. Buscamos fazer uma análise nas materialidades dos discursos em acordo com as reflexões feitas até aqui. Temos bem definida a superfície da amostra, que se trata de uma manifestação protesto em uma sociedade que existe sob as regras de constituição do homem da razão neoliberal. Não quisemos dizer que o Brasil é um país neoliberal, mas que há uma razão neoliberal que envolve a forma de governar e o modo de constituição dos homens sob a regência das tecnologias biopolíticas e de acordo com as regras impostas pelo império. Vamos entender que a norma é o processo de transformação deste país em desenvolvimento em uma nação desenvolvida que segue os meandros da razão neoliberal.

Acreditamos que a possibilidade de a resistência existir não seja apenas na luta para evitar a sujeição ao poder da razão neoliberal, mas sim no processo de singularização que seja possível a partir dos acontecimentos dos protestos. Por isso que investigamos o que os acontecimentos das manifestações de 2013 causam na ordem. Os discursos que observamos mostraram que mesmo nos protestos haviam intensas relações de poder, disputas por espaços, embates pela narrativa, uma inesgotável relação para constituir identidades, confrontos para tornar possível as estratégias e a união de corpos diversos.

Encontramos e denominamos várias formas de enunciados como as denúncias, os relatos, as discussões, as definições, as identificações, as classificações e as análises que demonstravam uma variedade de enunciados que se chocavam, se diferenciavam, se confrontavam, se misturavam e se transformavam dentro das manifestações. Assim, buscamos criar, de acordo com a nossa pesquisa, categorias para estudar as relações entre os enunciados que formaram tais objetos: a categoria da imprensa; da violência; dos laços sociais; do esgotamento da forma de prática política; e a do comum. A relação entre elas nos possibilitou averiguar se havia, de fato, um aspecto de resistência nas relações de poder, ou se tudo não passava de um aprofundamento do processo de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

estabelecimento da razão neoliberal no Brasil. Essas categorias nos permitiram ver se as configurações discursivas que emergiram dos modos de subjetivação poderiam produzir singularidades ou individuações, desafiando as regras de formação de si proposta pela razão neoliberal.

Por isso, averiguamos as relações entre os enunciados das categorias para observar algum tipo de fissura da superfície da ordem. Assim, estabelecemos uma análise das relações entre os enunciados e constatamos que as formas de enunciados transpassavam essas categorias fazendo o papel de uma sinapse capaz de comunicar as categorias entre si. Em uma mesma categoria, por exemplo, constatamos que há diferentes unidades enunciativas em relação, em disputa ou em conjunto, sem se complementar ou se complementando, unidas por estratégia ou em um choque que produzia algo. Por exemplo, o enunciado como função de existência (Foucault, 2008a) permite ver o jogral³ como um enunciado que produz uma comunicação comum a todos, ou seja, está na categoria do comum. Mas nos discursos produzidos no jogral podemos constatar uma forma de enunciado de denúncia, de afirmação e identificação, de organização, assim como os enunciados de união, de indignação ou de afeto que podem estar ligados à categoria da violência ou à categoria dos laços sociais. Isso mostra que, o fato de isolarmos as categorias não as impede de estarem em contato umas com as outras, pelo contrário, constatamos que há entre elas uma interseção produtiva.

³ A forma de comunicação do jogral consiste em uma pessoa exercendo um discurso em intervalos pausados, enquanto pessoas que escutam usam as pausas para repetir aquilo que foi dito aos outros, e assim vai passando para os outros companheiros. Na escrita, a barra representa o momento da pausa onde acontece o repasse dos ouvintes para os que estão mais afastados.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

Notamos um entrecruzamento da categoria da imprensa com a categoria da violência. Assim, encontramos quatro pontos essenciais: enunciados apontam para uma dispersão em que alguns sujeitos buscam engajar-se ao discurso da normalidade, pacifista e dócil, excluindo os violentos que a imprensa identifica como vândalos (os Black Block, por exemplo); outros enunciados apontam para a ação de sujeitos que, em vez de praticar a exclusão na dispersão discursiva, transformam os enunciados e produzem um outro regime nas relações de força da luta de poder, assim possibilitando a integração de mais pessoas à luta de suas causas; o terceiro ponto concerne à diferença ética escancarada com as práticas de protestos politizadas, apesar de toda a tentativa da imprensa em deslegitimar aqueles manifestantes e exigir da polícia atitudes repressoras. Esses manifestantes do terceiro ponto transformam seus protestos em atos que resistem às tentativas do poder em moralizá-los e assim praticam uma outra forma de ação direta: com violência, ataque aos símbolos da burguesia que acusam tentar controlá-los e explorá-los.

O quarto ponto é o do aparecimento de um outro sujeito: o cidadão multimídia. Ativo nas redes sociais, produtor de informação, comunicador, comprometido com sua ideia de ser cidadão. Esse sujeito multimídia surge propondo uma interação maior com os seus parceiros em diversas mídias com uma heterogeneidade de estratégias comunicativas, estabelecendo novos contatos, compartilhando ideias e produtos, experiências e inseguranças. Esse sujeito se volta para o coletivo na intenção de melhor se produzir, mas ao contrário do sujeito neoliberal, ele não está se produzindo a partir do mercado e para o mercado, mas sim a partir da política, das relações políticas que eles estabelecem. Lembremos que Foucault (2014) define política como as relações que possibilitam os sujeitos terem uma conduta com a cidade, seguindo suas ordens ou revoltando-se contra elas, posto que essas condutas são uma relação entre a ética dos indivíduos e as possibilidades de liberdades das relações sociais imbricadas no real da cidade. Por isso, o mercado não é excluído desse campo, mas não é percebido como o centro regulador. Porém, ainda falta observar outros pontos para dizer se esse sujeito vem a emergir, ou se há um broto que nasce na superfície da razão neoliberal, capaz de transformar os regimes das relações de poder.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Desta forma, entendemos que as regras de formação do discurso alinhados com as produções das relações entre os elementos éticos consistem no entrelaçamento da questão da violência policial, da violência como estratégia de resistência, as transformações das formas de enunciado e sua manutenção, as disputas das produções simbólicas e de narrativa, a percepção da postura da imprensa tradicional, o engajamento de um jornalismo alternativo e seu enraizamento nas práticas de um sujeito multimidiático e a constituição das possibilidades por uma conduta diferente da estabelecida pela normalidade. Sob essas condições é que observamos que, nessas categorias há uma tensão na superfície da ordem que preestabelecemos. Essas tensões produzem as possibilidades de constituição da produção biopolítica, assim como a ação da biopolítica do império. Trata-se dos jogos de poder por si. De um jogo de estratégias nítidas nas ações dos discursos do poder, que impactam nas estruturas das manifestações abalando suas organizações e rompendo uma união de início estabelecida. Porém, é pontual e certo que havia, mesmo com a estratégia do poder em ação, um processo de singularização, se visarmos as estratégias micropolíticas. Observamos um processo de união das micropolíticas, mas também de desagregação das unidades. Assim, encontramos uma tendência à constituição da multidão como uma outra forma de classe social, mas sua estabilização foi interrompida pelo sucesso das estratégias dos discursos do poder, que ao ampliar a participação de indivíduos pouco dispostos a agregar ao movimento, investiu na segregação das manifestações sob o discurso de evitar a apropriação das manifestações por partidos políticos. Porém, as condições de resistências que possibilitam a constituição de uma outra ética engendradas nas estratégias micropolíticas são constatadas nestas análises.

A categoria do esgotamento político alimenta a animosidade dos manifestantes e até estimula a produção de alternativa, assim como também é a condição de existência para a produção de fronteiras entre os manifestantes, quando o enunciado da culpabilização é produzido por aqueles que discursam sob a forma de enunciado da identificação e da opinião. Por isso, a categoria do esgotamento político é o estopim necessário para fazer explodir o barril de pólvora que são as insatisfações, as indignações e as desconfianças, afetos gerados por uma forma de fazer política que não consegue estabelecer um elo entre os cidadãos e os representantes políticos. Nas manifestações organizadas pelas periferias, por exemplo, pudemos perceber uma ética que não se deixou invadir



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pelas diferenças que criam fronteiras. Ela não aceita qualquer diferença e luta para manter sua singularidade. Em uma passagem no filme *Junho – o mês que abalou o Brasil*, no momento em que acontece um ato organizado pelos manifestantes da periferia, um indivíduo tenta fazer com que todos cantem o hino nacional. De imediato ele é repreendido, e os manifestantes que ali se encontram começam a entoar o grito: “*lutar, lutar! Poder popular!*”. Essa passagem é marcante posto que seu enunciado produz o significado do esgotamento até da ideia de nacionalismo, ou patriotismo, muito visto no segundo momento das manifestações de junho de 2013. O nacionalismo, a ideia de combater um mal em nome da nação brasileira não aparece no enunciado. O que se produz é uma unidade de luta pelas causas populares.

Esse barril estourando fez surgir constelações de enunciados que deram a condição necessária para os manifestantes constituírem um laço social diferente. Castells (2013) e Birman (2014) compreendem que esse laço social, ou essa característica de horizontalidade só foi possível com uma ética em processo de formação emergida das redes sociais *online*. O que percebemos é que surge uma coletividade sem, necessariamente, a suspensão do Eu. Este aparece nos discursos de alguns manifestantes e produzem um enunciado de solidariedade, união e coletividade. A partir das experiências vividas por manifestante dentro da própria manifestação, percebemos que suas percepções são transformadas a partir das frustrações de expectativas dos manifestantes sobre forças exteriores à manifestação (a atitude da polícia, por exemplo). Desta forma, laços aparecem e o refúgio que encontram é na colaboração entre os manifestantes, é no apoio mútuo, na solidariedade entre eles que deve se formar uma unificação.

Uma outra característica de uma transformação na categoria do laço social é quanto à pouca hierarquia na organização das manifestações. Uma tendente horizontalidade começa a surgir nos discursos dos manifestantes, nas discussões entre eles em busca da melhor estratégia, mesmo que se exponham diferentes formas de enunciado de opinião. Quando os manifestantes decidem as estratégias e rumos das manifestações. Os manifestantes se unem e tomam decisões que organizam e produzem o ato em comum acordo. Aqui se mostra, também, o comum sendo produzido entre os indivíduos que ali estão. A característica da horizontalidade está na prática de organização acompanhada da solidariedade e da descentralização das decisões.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Neste trabalho, vimos como as relações entre os enunciados e as formas de enunciado produzem e transformam questões que, muitas vezes, são totalizadas a partir de um único entendimento. E como essa diversidade de enunciados foi capaz de produzir alternativas quando se justapunham uns aos outros, quando dialogavam entre si, o que só foi possível com a emergência das práticas das relações horizontais. Vimos também como o comum é produzido constantemente nessas relações e como isso implica na transformação do sujeito individual em um sujeito singular e solidário. As peculiaridades não somem. Elas aparecem em prol da constituição de uma coletividade solidária. Assim como vimos que todo esse processo possui uma ameaça dentro de suas próprias posturas: a possibilidade da emergência de fronteiras, uma vez que os enunciados e as formas de enunciados não se comunicam. Acreditamos que isso está surgindo e sendo produzido na superfície que, já algum tempo se mantinha em ordem. Acreditamos que essa ordem estabelecida por uma relação de poder está sendo transformada com o fortalecimento de uma resistência.

Com isso, concluímos que havia, de fato, condições de possibilidades para a produção de uma resistência ao poder. E elas foram produzidas, suas estratégias foram postas em jogo, suas possibilidades foram experimentadas e, assim, constituíram forças que experienciaram uma outra forma de se fazer um protesto, sob o entendimento comum de que o modo de se fazer política no Brasil estava se esgotando. Para os manifestantes era necessária uma outra forma, e suas organizações e ações diretas se constituíram como uma experiência de alternativa. Não é à toa que a forma de ação direta na produção da informação e no modo de comunicação da Mídia Ninja se popularizou a partir das manifestações de junho de 2013.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- Andrade, M. R. R. (2016). *As manifestações de junho de 2013, no brasil: modos de subjetivação, análise do discurso e as condições para uma resistência*. Dissertação de mestrado. Universidade de Fortaleza. Fortaleza, CE, Brasil. Disponível em http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_512fe2c6dbdc74e76f748ec8cae7c1e7
- Arendt, H. (1971). *Sobre a revolução*. Lisboa: Editora Moraes.
- Birman, J. (2014). *O sujeito da diferença e a multidão*. Revista IDE. 36 (55). 25-40.
- Braga, R. (2013). *Sob a sombra do precarizado*. IN. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Castells, M. (2013). *Redes de indignação: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu*. In S. Freud, *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (Paulo César de Souza, trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Foucault, M. (2008a). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2008b). *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978 – 1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2011). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. (2013). *O sujeito e o poder*. IN. Dreyfus, H. L. e Rabinow, P. (2013). *Michel Foucault – Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2014). *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gregolin, M. R. (2007). *Análise do discurso e mídia: a (re)produção da identidade*. Revista Comunicação, mídia e consumo, 4 (11), 11-25.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- Guatarri, F. & Rolnick. S. (2013). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petropolis: Editora Vozes.
- Hardt, M. & Negri, A. (2001). *Império*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Hardt, M. & Negri, A. (2014). *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Judensnaider, E. Lima, L. Pomar, M. & Ortellado, P. (2013). *Vinte Centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta.
- Lima, V. A. (2013). *Mídia, rebeldia urbana e crise de representação*. IN. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Movimento Passe Livre. (2013). Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. IN. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Ricci, R. & Arley, P. (2014). *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Editora Letramento.
- Secco, L. (2013). *As jornadas de Junho*. IN. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Solto Maior, J. L. (2013). *A vez do direito social e da descriminalização dos movimentos sociais*. IN. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Vainer, C. (2013). *Quando a cidade vai às ruas*. IN *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo.